

A Sereia Triste e o Bilro Saltitão

Joaquim Meireles | Nuno Fragata



Querid@s Amig@s,

Existem muitas formas giras de aprender coisas sobre a realidade que nos rodeia. Por exemplo, ao passeares na praia já reparaste como a espuma do Mar se parece com uma Renda de Bilros, daquelas que as nossas mães e avós ainda hoje fazem? Ora, desta ligação das nossas Rendas de Bilros com o Mar, surgiu a história de uma Sereia que queria aprender a fazer renda, de um Sol Muito Amarelo que a pretendia ajudar e de um Bilro Saltitão, como todos os bilros são, que com a ajuda de outros amigos, que vais conhecer, ensinou a nossa linda Princesa do Mar a fazer a bela Renda de Bilros.

Sabes, a Renda de Bilros tem uma longa tradição em Peniche, e ainda hoje são muitas as rendilheiras que se dedicam a esta forma de arte, produzindo peças muito bonitas, sendo até provável que também tenhas uma Renda de Bilros em tua casa.

Espero que gostes desta história, tanto como eu, e que tentes seguir o exemplo da Sereia, aprendendo também a fazer a NOSSA Renda de Bilros!

António José Correia
(Presidente da Câmara Municipal de Peniche)

E-mail: presidente@cm-peniche.pt

Amigo@s:

A Câmara Municipal de Peniche orgulha-se das suas rendas de bilros. Ao longo destes últimos anos tem promovido, por todo o país e pelo estrangeiro, as cada vez mais famosas, rendas de bilros.

“Onde há redes, há rendas”. Mas tal como nem todas as redes são iguais, também as rendas são diferentes. E as nossas rendas aparecem nas Escolas, nos livros, nas páginas das histórias.

Joaquim Meireles, com a simplicidade (que é própria dos que sabem, os que sabem mesmo são simples) e a imaginação que o caracterizam conta-nos mais uma história que é interessante e comovente.

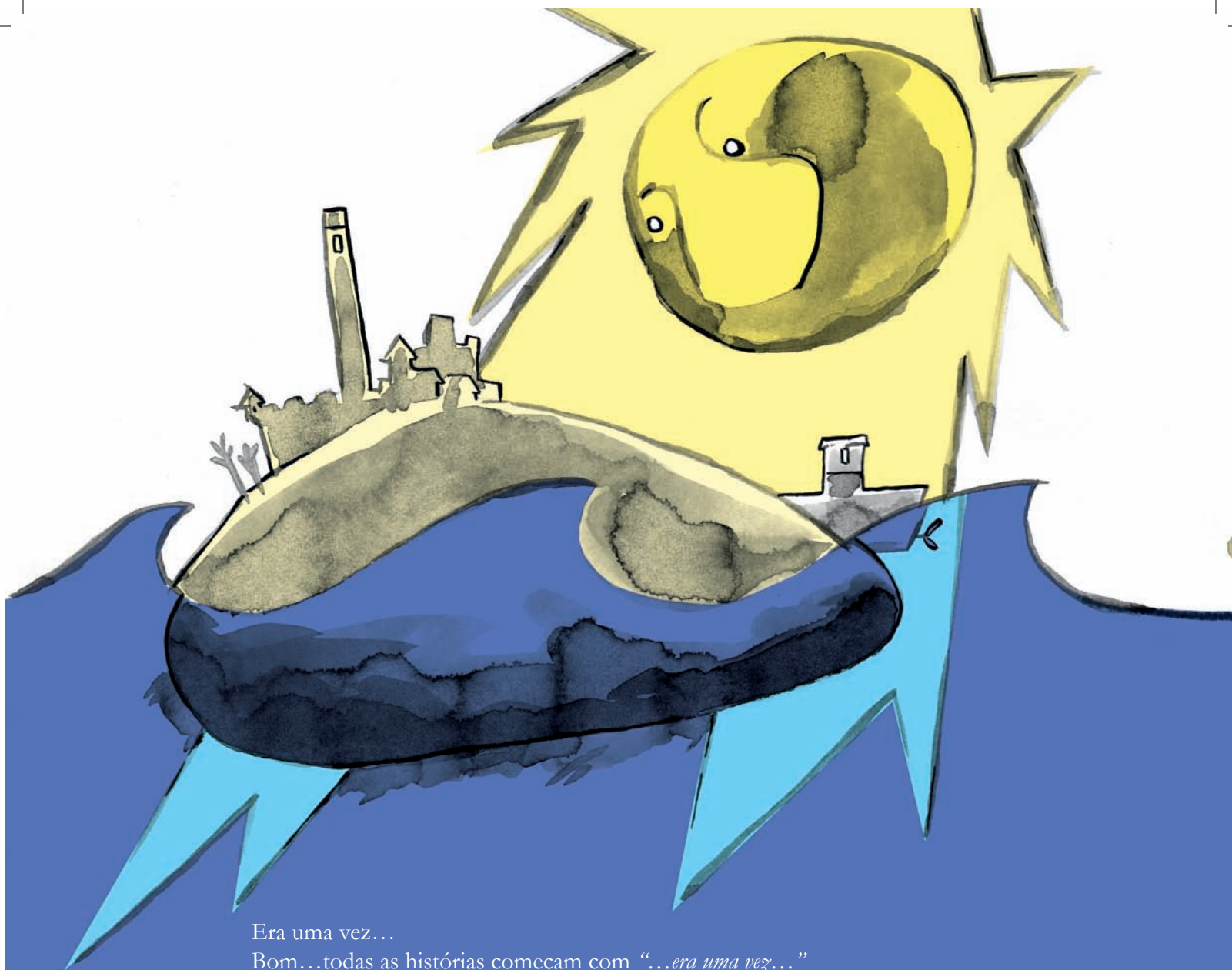
Só vos digo que uma bela mas Triste Sereia se transforma numa Feliz Sereia, sem deixar de ser bela.

E com a ajuda de quem? Do Bilro Saltitão e de um conjunto de elementos que além do trabalho, da harmonia, da alegria ainda se serviram da amizade para fazerem um enredo daqueles que todos nós gostamos – com um final feliz.

Queremos que os nossos leitores, os mais novos e os mais velhos, leiam esta história tão bonita com as palavras do autor e as ilustrações de Nuno Fragata. Mas que não fiquem só pela leitura. Queremos que voem, dando asas à imaginação e consigam, tal como a Sereia, “transformar em renda a espuma do mar...” Com a publicação desta história queremos continuar a homenagear as nossas rendilheiras que, ao longo dos séculos, têm tornado Peniche mais conhecido e admirado por todos os cantos do mundo.
Boa leitura!

Jorge Amador
(Vice-Presidente da Câmara Municipal de Peniche e responsável pelo Pelouro da Educação)

E-mail: vice.presidente@cm-peniche.pt



Era uma vez...

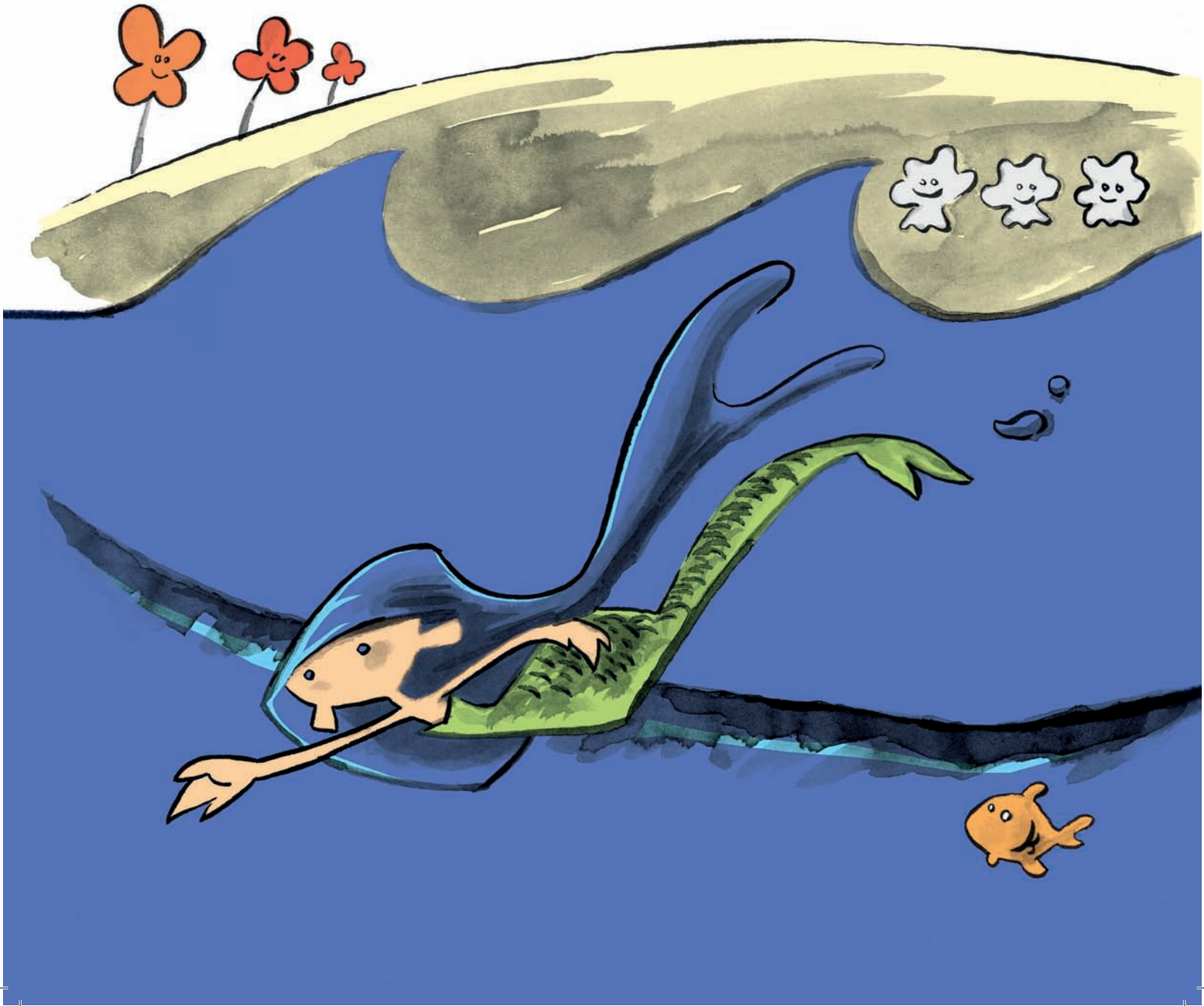
Bom...todas as histórias começam com “...*era uma vez*...”

Mas esta não!

Esta começa assim:

Num lugar onde havia uma praia muito grande, com areia muito fina,
um Sol Muito Amarelo e umas ondas do mar com uns tubos muito super,
vivia uma pequena sereia, bonita, linda como só as sereias podem ser!

Era tão bela e formosa que até as mais belas estrelas do céu, as mais bonitas flores do jardim
ou as mais formosas conchas do mar, gostavam de ser belas como a nossa pequena sereia...



Quem conhecia aquela princesa do mar – Oh! Esqueci-me de vos dizer que a pequena sereia era uma Princesa do Mar – estava eu a dizer que, quem a conhecia, tinha uma grande preocupação: na verdade, apesar de toda a sua beleza, a pequena sereia vivia sempre triste, sem sorrir, sem brincar ... sem amigos!



Todos os que moravam naquela terra, onde havia uma praia muito grande, com areia muito fina e ondas do mar com uns tubos muito super, andavam preocupados por causa da tristeza da Princesa do Mar.

Um dia, o Sol Muito Amarelo, já cansado de ver tanta tristeza e preocupado com a sereia, resolveu, como se fosse um detetive, ir investigar... Ora, toda a gente sabe que o Sol Muito Amarelo quando nasce é para todos, embora haja quem queira o Sol só para si. Também sabemos que a luz do Sol passa por todos os buracos, frinchas, ranhuras, portas e janelas...por todo o lado! Pois foi graças a essa possibilidade que o Sol Muito Amarelo entrou em casa de um e perguntou:



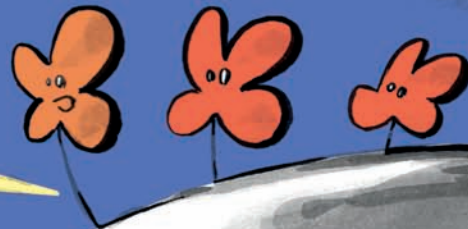
- Sabes porque está triste a pequena sereia, a Princesa do Mar?
- Não...não sei!

Entrou em casa de outro e interrogou:

- Sabes porque está triste a pequena sereia, a Princesa do Mar?
- Não...não sei!

E em todas as casas, em todas as ruas e largos e travessas, em todos os sítios o Sol perguntava:

- Sabes porque está triste a pequena sereia, a Princesa do Mar?



A esperança de que alguém lhe desse um motivo, que apontasse a razão era cada vez maior...Porém, a resposta que ouvia era, invariavelmente a mesma:
- Não...não sei!

É certo que o Sol Muito Amarelo, sabendo daquela tristeza, não queria incomodar a pequena sereia. Podia ter começado a sua investigação por perguntar-lhe o motivo de tal estado. Mas, se ela já estava triste, o Sol não lhe queria causar ainda mais tristeza. E por essa razão deixou para o fim o contato com a pequena sereia, a Princesa do Mar, naquele lugar onde havia uma praia muito grande, com areia muito fina...



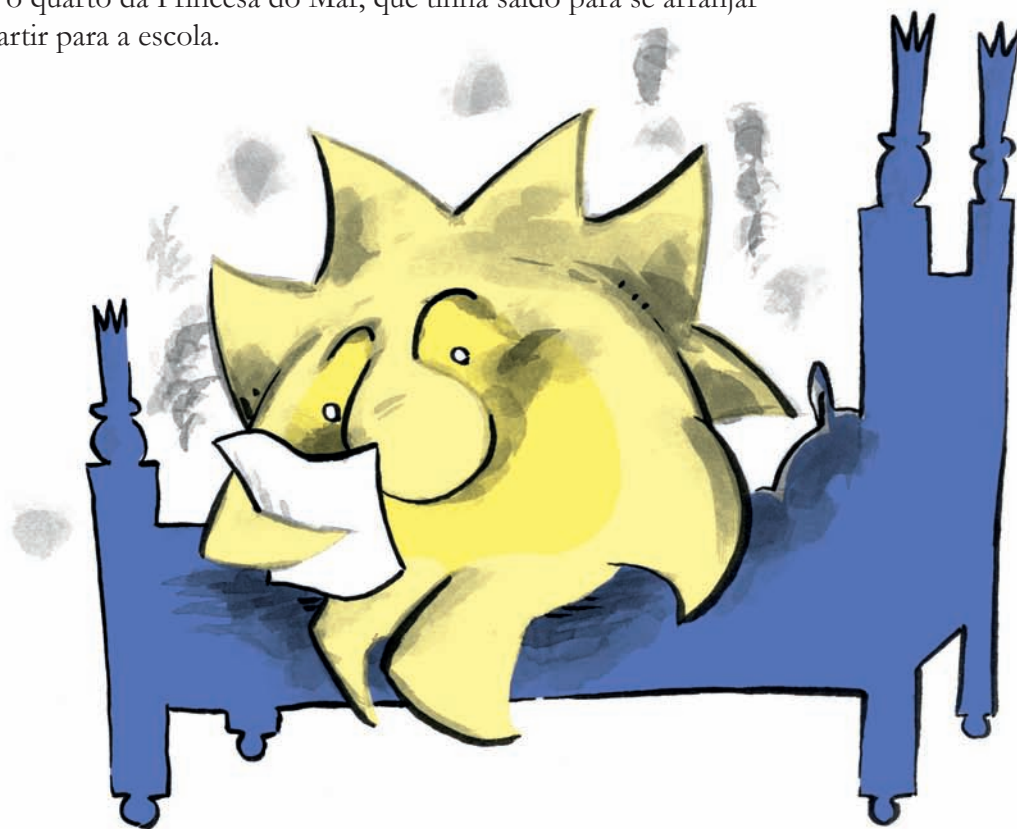
Numa linda manhã de Primavera, de ar fresco e luz brilhante – como só as manhãs de Primavera podem ser – o Sol acordou cedo, bem-disposto e determinado a encontrar a resposta àquela pergunta que tanto o inquietava:

- Porque está triste a pequena sereia, a Princesa do Mar?

Levantou-se e depois do banho tomado e de se enxugar, penteou-se, vestiu o seu fato Muito Amarelo, tomou o pequeno-almoço, lavou os dentes e saiu.



Imaginamos onde foi... Pois é, dirigiu-se a casa da pequena sereia. Pelo caminho foi pensando como haveria de fazer: bater à porta, esperar que a abrissem ou entrar por alguma janela que estivesse aberta? Todos sabemos que o Sol entra em todos os sítios e que tudo observa onde há luz e que guarda para si, como seus segredos, o que de bom e mau vê. É essa a razão porque toda a gente gosta que o Sol lhes entre em casa... Foi pois a partir destes pensamentos que decidiu não bater à porta e entrar por uma janela da casa da pequena sereia, se encontrasse alguma aberta. Estava uma: entrou! Era o quarto da Princesa do Mar, que tinha saído para se arranjar e, depois, partir para a escola.



Estava o Sol sentado na beira da cama da Princesa, aguardando o seu regresso para lhe fazer aquela pergunta, quando, de repente e para grande surpresa sua, reparou num pequenino papel pousado sobre a mesa-de-cabeceira, escrito pela pequena sereia, onde se podia ler:

“ Como estou triste ...
...nem sou capaz de sorrir...
...não sou capaz de brincar...
...não tenho Amigos...

... moro num lugar onde há uma praia muito grande, com areia muito fina, um Sol Muito Amarelo e umas ondas do mar com uns tubos muito super. São estas ondas a razão da minha tristeza... Não por culpa delas, que são tão belas, fortes, brincalhonas!

No seu constante vaivém, chegam à praia e desfazem-se em espuma, formando de cada vez um desenho diferente.

São esses desenhos que também vejo fazer quando passeio pelas ruas do lugar onde moro. Não são espuma do mar, embora pareçam. São Renda de Bilros! Ah! Quem me dera saber fazer!...

Quem me dera ser Rendilheira!...

Toda a gente me pergunta a razão da minha tristeza e eu fico envergonhada e não digo mas...gostava tanto de ser Rendilheira! “

- Eh lá!...

Disse o Sol, a pensar que tinha ali tudo o que precisava saber... Finalmente!

- Vou mas é sair agora e pensar em como hei-de ajudar a resolver isto...

Quando a pequena sereia regressou ao quarto, já o Sol Muito Amarelo não estava lá. Como é sabido e já foi aqui dito, o Sol entra por todo o lado, em todos os sítios. Estava ele a pensar em como ajudar a resolver aquela tristeza, quando se lembrou de ter visto em vários compartimentos da casa da Princesa, alguns objetos iguais aos que eram usados em muitas casas de pessoas que moravam no lugar onde havia uma praia muito grande, com areia muito fina. Decidiu que nesse dia iria entrar em muitas dessas casas e procurar saber os nomes que davam àqueles objetos. Outra coisa importante que devia fazer: aprender a falar a língua deles.

Assim fez...

Depois do almoço, talvez a meio da tarde, entrou numa casa, onde duas mulheres - uma mais nova que a outra - conversavam enquanto cruzavam fios atados a uns paus, para cá e para lá, e outra vez de lá para cá, com tal destreza e harmonia que em breve o Sol se esqueceu do que fora ali fazer, tão surpreendido ficou com aquele maravilhoso espetáculo: estavam a fazer Renda, como se fosse espuma do mar!...



Concentrou-se no que via e reparou que os pauzinhos falavam entre si:

- Agora é a tua vez...
- Passa...
- Agora cruza...
- Sou eu!
- Cruza...

Quando deu conta de si, era já quase noite e teve de se retirar à pressa pois, como se sabe, o Sol à noite não pode andar na rua...

Apesar da pressa da saída, ainda reparou que uma delas dizia à outra, enquanto agitava um daqueles pauzinhos na mão:

- Gosto muito destes bilros!

Decidido e inquieto como estava, nessa noite o Sol mal dormiu.

Acordou cedo e cedo se dirigiu a casa da Princesa. Rondou a residência e reparou que, talvez porque esteve calor durante a noite, algumas janelas estavam entreabertas, o suficiente para poder entrar.

Ao fim de algum tempo e depois de ter percorrido alguns compartimentos, espreitado alguns caixotes, procurado nalgumas prateleiras, encontrou o que queria, melhor dizendo, quem queria encontrar: um bilro!

Dormia profundamente, como se estivesse hibernado.

- Psst, psst!... Psst, psst!...

Chamava o Sol. Nada... Outra vez:

- Psst, psst!... Psst, psst!...

É claro que o Sol estava a tentar chamar o bilro com cuidado, para que não acordasse estremunhado e assustado. Bem podia aquecê-lo com tanto calor que ele havia de pular com toda a força, mas seria uma maldade e o bilro ainda se punha ali a gritar em altos berros!

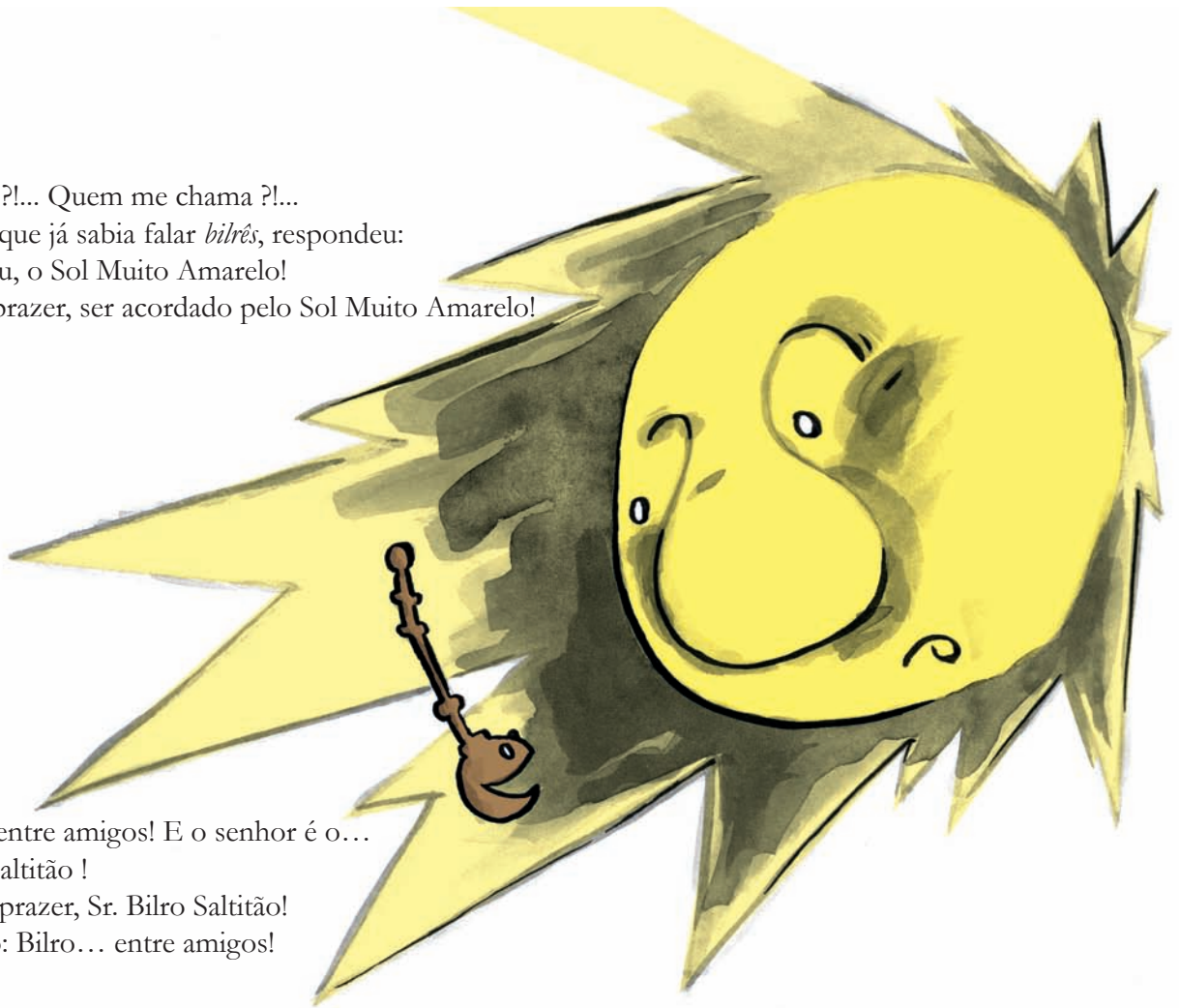
Outra vez:

- Psst, psst!... Psst, psst!...

E...



- Hum ?!... Quem me chama ?!...
- O Sol, que já sabia falar *bilrés*, respondeu:
- Sou eu, o Sol Muito Amarelo!
- Que prazer, ser acordado pelo Sol Muito Amarelo!



- Sol... entre amigos! E o senhor é o...
- Bilro Saltitão !
- Muito prazer, Sr. Bilro Saltitão!
- Perdão: Bilro... entre amigos!

Ficaram ali a conversar.

O Sol explicou porque estava ali,
a preocupação que tinha com a tristeza da Princesa do Mar
e a descoberta que tinha feito quando viu o bilhetinho da
pequena sereia. O Sol estava ansioso por saber duas coisas:

- Se o Bilro Saltitão o podia ajudar;
- Se estava interessado em fazê-lo...

O Sol sabe que, por vezes, há quem possa ajudar os outros mas,
por egoísmo e maldade o não faça... Mas não era esse o caso.

O Bilro Saltitão tinha muita experiência de ajudar, pois os bilros
trabalham sempre na companhia uns dos outros, em entreaajuda.

O Sol quis saber a razão da inatividade daquele bilro e dos outros
que moravam naquela casa.

Bom...o Sol teve muita sorte em ter encontrado o Bilro Saltitão! Pois fiquem cientes que sabia tudo sobre renda de bilros, conhecia todos os outros parceiros para fazer renda e, que sorte a do Sol, sabia onde estavam todos os utensílios para fazer renda, que viviam naquela casa!

Durante a conversa, o Saltitão foi dizendo:

- Sabes Sol, já ajudei a fazer muitas rendas de bilros, tantas que nem imaginas...

Já passei por tantas mãos, e dei tantas piruetas e voltas, que fiquei assim todo polido, lisinho e brilhante!

Lembro-me de ter ajudado a fazer uma renda que em 1908 ganhou uma Medalha de Ouro, na cidade do Rio de Janeiro – Brasil...outra, de Prata, em Sevilha – Espanha – no ano de 1929... Sei lá... estou a lembrar-me que também em 1997, em Lisboa, ganhámos outra medalha...

Em certo momento, o Sol, interrompendo-o, perguntou-lhe:

- Diz-me cá, ó Bilro Saltitão...

- Ó Sol, já te disse que entre amigos sou só Bilro, e como nós somos Amigos, escusas de dizer “Sal...ti...tão”!...



- Sim, tens razão...desculpa...

Mas diz-me então, porque estavas aqui como que abandonado, sem companhia?

- Não penses isso, meu amigo!

- Então que fazias aqui?

- Estava aqui simplesmente a descansar... Não estava abandonado. Sabes, eu gosto que os mais novos aprendam...

O Sol aplaudia:

- Muito bem!

O Bilro Saltitão continuava:

- Por isso retirei -me temporariamente e assim dei oportunidade a outros de também aprenderem a laborar nas rendas de bilros!

A conversa entre estes dois foi avançando... avançando...

Até que em certo momento, disse o Sol:

- Escuta, meu bom amigo, para ajudarmos a pequena sereia, o que achas que devemos fazer?

- É muito simples, retorquiu o bilro, juntamos todos os objetos necessários e fazemos uma surpresa à Princesa do Mar, que te parece?

- Então quem vamos chamar... quem vamos juntar? - perguntava o Sol intrigado.

- Deixa comigo! Disto percebo eu, dizia o Saltitão todo contente já a pensar nas cambalhotas e piruetas que em breve voltaria a dar!...

As pessoas da casa, entretanto, tinham acordado e preparavam-se para dar início a mais um dia de trabalho.



Nessa altura os nossos dois amigos decidiram suspender a conversa e aguardar que todos saíssem para os seus afazeres, incluindo a Princesa do Mar, que foi para a escola...

Não sabiam? Pois é: as princesas também vão à escola!...

Até as Princesas do Mar!...

Quando o sossego voltou à casa, o bilro tomou a iniciativa e dirigiu-se ao Sol:

- Ora vamos lá dar início ao nosso trabalho.

Achas que podemos começar?

- Certamente! Por mim pode ser!

- Vou então chamar os outros.

Dito isto, e sentado nos raios de luz que o Sol irradiava, juntos percorreram os compartimentos da casa chamando:

- Hei, ó Almofada!
- Atenção, muita atenção, meninos Alfinetes!
- Pique, onde está o Cartão do Pique?
- A pequena Cadeira que apareça...
- Picadeira, está cá a Picadeira?
- O Banco de almofada que se apresente!
- Então... também é preciso chamar as Linhas?
- Ó Tesoura também deves vir, não te esqueças!

Chamou também o Compasso, o Lápis, a Borracha e não se esqueceu do Papel Quadriculado, tudo para fazer o Desenho.

- E vocês aí, seus Bilros malandrecos, tenho de os ir buscar ao caixote? Já se esqueceram que só um de nós não é suficiente para trabalhar, para fazer renda?

Percorridas todas as dependências que o Saltitão achou necessário e, sentados nos raios de luz do Sol, daí a pouco tempo todos estavam reunidos no quarto da pequena sereia.

O Bilro Saltitão, depois de ter subido para os ombros do Sol, de modo a ficar mais alto, falou a todos:

- Caros amigos, o Sol Muito Amarelo apresentou-me um problema muito grave, mas que tem uma solução muito simples!

Mas só é simples a solução se nos juntarmos todos.

Durante algum tempo falaram sobre o assunto, até que o Bilro perguntou:

- Posso contar convosco?

Resposta unânime, um coro bem afinado:

- SIMMMMM!

- Então - disse o Saltitão - vamos colocar em prática o nosso plano, aquilo que agora mesmo combinámos.

O plano consistia em receber a Princesa do Mar, quando regressasse da escola. Para ela seria uma surpresa chegar

ao seu quarto e ver um Banco já com a Almofada e, sobre esta,

um pique com o desenho riscado e picado, pronto a ser transformado em

renda. Para isso, os bilros estavam dois a dois, unidos pela linha a fazer varinhas

- que é o nome que se dá quando dois bilros ficam assim ligados - e os alfinetes

no seu lugar, nos pequenos orifícios que a picadeira havia feito no pique...

Na verdade, eles pensaram mesmo em começar uma renda que a pequena sereia continuaria, quando chegasse.

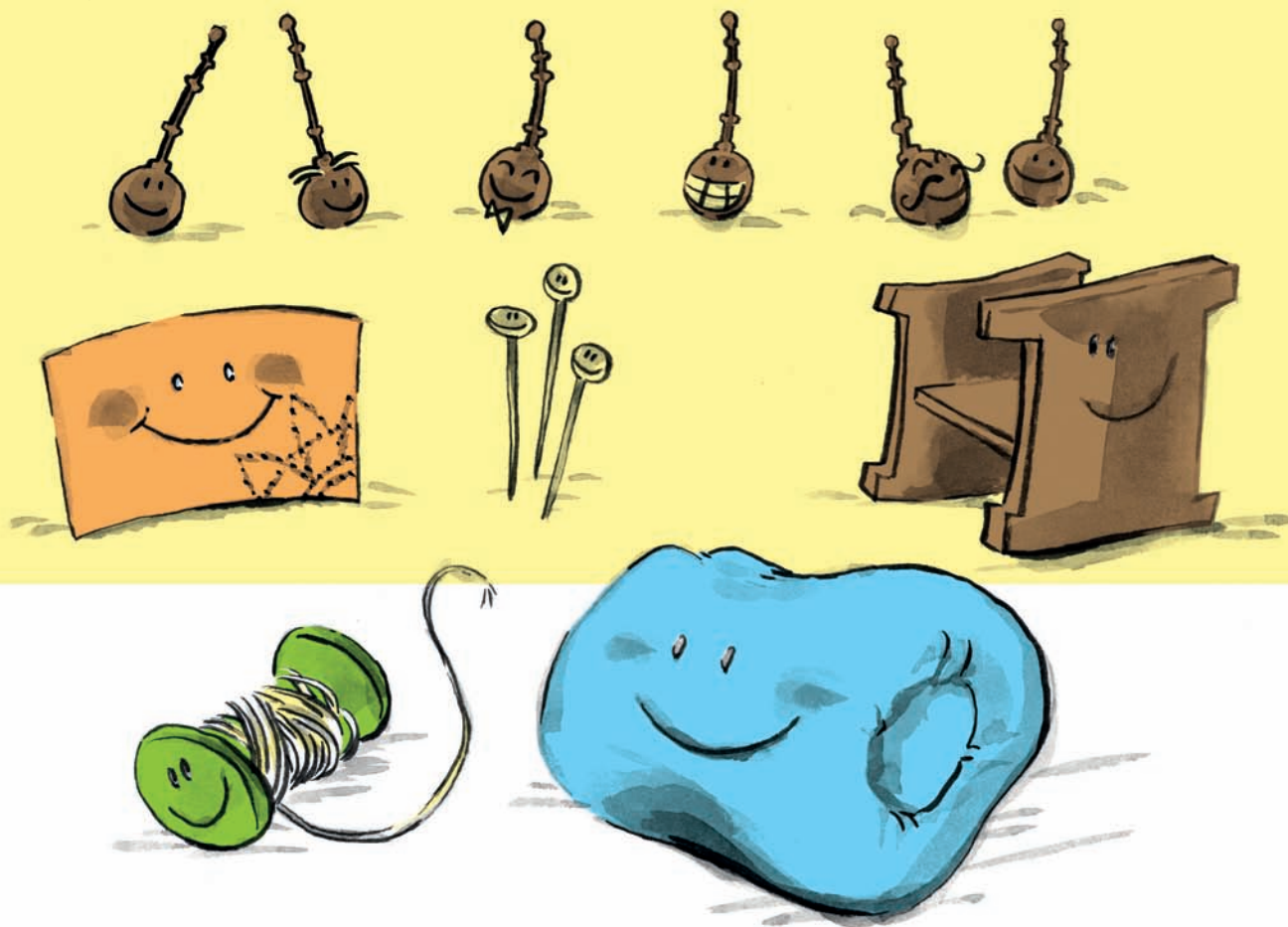


Lembram-se do que dizia o pequenino papel pousado na mesa-de-cabeceira da pequena sereia? Que gostava de fazer rendas como a espuma das ondas do mar com uns tubos muito super? Pois o Sol sabia isso e sugeriu que se fizesse um desenho de onda, muito bonito, como são aquelas ondas e, de imediato, começaram a fazer a renda... Quando a Princesa do Mar chegasse, veria logo que lhe era dedicado aquele trabalho.

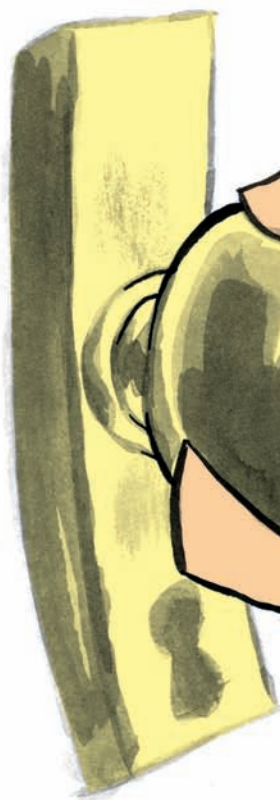
Depois de tudo preparado, cada um deles foi arranjar-se. Os bilros todos apurados e luzidios, o pique totalmente alaranjado, cor de açafrão e os alfinetes com a cabeça no lugar. As linhas brancas, brancas como a cal e a almofada inchada, cheia de palha. O banco suportava a almofada, todo lustroso e altivo. A picadeira, engravatada, abraçada a uma agulha acabadinha de chegar, descansava e aguardava que a chamassem para fazer novos orifícios no pique...

Estavam todos tão concentrados no trabalho – pois é assim que se deve estar quando se trabalha ou estuda – nem deram pelo tempo passar...

A certa altura o Bilro Saltitão deu um salto tão grande, tão grande, que os outros até se assustaram!



- Que é que tens?! Estás doente?!
Dói-te alguma coisa?! - perguntaram, surpreendidos.
- Não. Estou bem...Estou mesmo muito bem, mas...
já repararam nas horas?
- Ena! Pois é!...Está mesmo na hora da pequena sereia chegar!
- disse o Sol, que entretanto tinha vestido
o seu melhor fato Muito Amarelo.
-Vamos já para os nossos lugares, depressa!



Mesmo a tempo, porque nesse momento a maçaneta da porta
começou a rodar, a porta abriu-se e ...
entrou a pequena sereia, a Princesa do Mar!
O Sol brilhou mais e o quarto ficou
ainda mais iluminado. Tudo era luz, tudo era alegria!





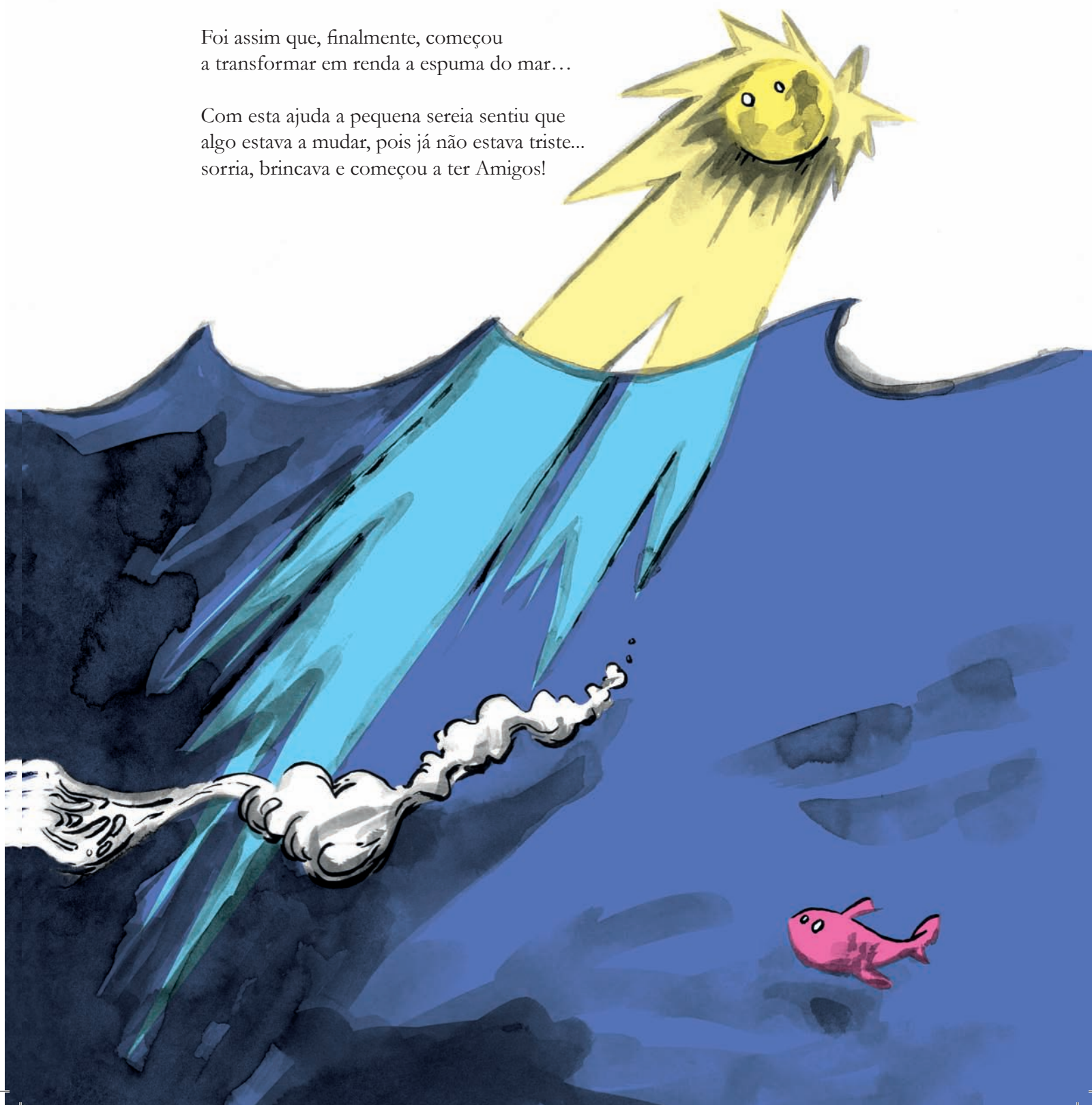
De tão contente que ficou, a pequena sereia emocionou-se e duas lágrimas soltaram-se dos seus olhitos faiscantes. Em duas passadas largas alcançou a almofada e, puxando para si a pequena cadeira, sentou-se. As suas mãozitas pegaram delicadamente nos bilros e, conforme a voz do Bilro Saltitão – voz que só eles ouviam – iam passando:

- Agora é a tua vez...
- Passa...
- Agora cruza...
- Sou eu!
- Cruza...



Foi assim que, finalmente, começou
a transformar em renda a espuma do mar...

Com esta ajuda a pequena sereia sentiu que
algo estava a mudar, pois já não estava triste...
sorria, brincava e começou a ter Amigos!



Eis pois, como a Princesa do Mar, de pequena sereia triste,
passou a Pequena Rendilheira Feliz!... Era uma vez...



Edição Câmara Municipal de Peniche
Texto Joaquim Meireles
Ilustração Nuno Fragata
Arranjo gráfico Nuno Fragata
Publicação Pelouro da Educação - Atividades de Enriquecimento Curricular - 2013
Impressão DL Publicidade
Tiragem 1500 exemplares
ISBN 978-989-8227-07-2



Pelouro da Educação
Atividades de Enriquecimento Curricular - 2013